

O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA EM AMBIENTE DE CONFLITOS PARENTAIS

Camila Cardoso Carvalho¹

Rejane Dutra Bergamaschi²

RESUMO

O presente trabalho baseia-se numa revisão de literatura, com a finalidade de pesquisar sobre como um ambiente de conflitos repercute no desenvolvimento emocional da criança. Os conflitos conjugais afetam a relação entre pais e filhos, contribuindo, muitas vezes, para o desenvolvimento de psicopatologias nas crianças, e mudanças significativas no comportamento. Neste estudo foram realizadas pesquisas em livros e artigos publicados nas bases SCIELO, LILACS e PEPSIC – Pesquisas em Psicologia.

Palavras – chave: Família, desenvolvimento emocional, criança, conflitos parentais.

THE EMOTIONAL CHILD DEVELOPMENT IN THE ENVIRONMENT OF PARENTAL CONFLICTS

ABSTRACT

The present work is based on a literature review, in order to investigate how a conflict environment affects the child's emotional development. Marital conflicts affect the relationship between parents and children, often contributing to the development of psychopathologies in children, and significant changes in behavior. In this study, we carried out researches in books and articles published in databases SCIELO, LILACS and PEPSIC - Researches in Psychology.

Keywords: Family, emotional development, child, parental conflicts.

¹Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST

²Psicóloga, professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, especialista em Avaliação Psicológica, mestre em Ambiente e Saúde.

INTRODUÇÃO

Podemos definir a família como a formação de um sistema hierarquicamente organizado, tal sistema possui outros subsistemas, que afetam e, ao mesmo tempo, são afetados pelos episódios que ocorrem em outros subsistemas e, também pelas relações dependentes e bidirecionais (DESSEN; BRAZ, 2005).

Existem estudos no âmbito familiar, que indicam sobre a qualidade da relação parental e a presença de discórdia no ambiente familiar, resultam em fatores associados à etiologia de distúrbios emocionais em crianças e adolescentes (Cummings, Davies, 2002; Wamboldt, 2000, *apud*, Benetti, 2005).

Constatou-se uma associação geral entre discórdia conjugal e dificuldades no ajustamento infantil, considerando-se que as situações de conflito conjugal na família resultavam numa alteração das práticas educativas parentais que, por sua vez, interferiam no desenvolvimento da criança. Posteriormente, verificou-se que determinadas características das situações de conflito estavam diretamente relacionadas ao desenvolvimento da criança” (FINCHAM, 1994, 2003, *apud*, BENETTI, 2005).

Os conflitos fazem parte das relações familiares, configurando um dos fatores centrais dos relacionamentos afetivos, o alto nível de interdependência entre as partes, favorece o aparecimento e a manutenção de situações conflituosas (Turner; West 1998, *apud* Melchiori, 2010). Essas discórdias são comuns dentro do casamento, cuja situação é permeada por constantes confrontos entre a individualidade dos cônjuges. Quando esses conflitos se tornam uma disputa, discordância ou expressão de emoções negativas diante de situações cotidianas ou ainda, problemas do dia-a-dia do casal, eles podem se tornar frequentes dentro do relacionamento marital (CUMMINGS; DAVIES, 2002, *apud*, MELCHIORI, 2010).

“O desenvolvimento e o funcionamento dos esquemas familiares é similar aos dos indivíduos e dos casais, baseados nas experiências de vidas, da maneira como foram percebidas por cada um dos membros da família” (DATTILIO, 2006).

Atualmente, os profissionais têm olhado com mais cuidado na repercussão no âmbito do desenvolvimento infantil, no que se refere ao aspecto de conflitos parentais, mesmo que os conflitos sejam parte do processo dinâmico inerente à família, a sua constância pode acarretar em distúrbios de desenvolvimento para os filhos, que podem iniciar na infância e se estenderem até a adolescência (ZEANAH et al. *apud*, BENETTI, 2005).

Existem lares instáveis, que infelizmente, não são poucos. Neles escondem-se desarmonias, incompatibilidades e desajustamentos preocupantes, que muitas vezes, permanecem sem resolução durante toda a vida do casal, desta forma, o clima emocional desses ambientes é geralmente desfavorável ao desenvolvimento saudável da criança (ADRADOS, 1971).

O desenvolvimento emocional sadio fornece à criança um sentido para a saúde física, assim como a saúde física lhe provê um reassuramento que é de grande valia para o desenvolvimento emocional. As tensões e pressões do crescimento emocional normal, bem como certos estados anormais da psique, têm um efeito adverso sobre o corpo (WINNICOTT, 1988).

As influências familiares proporcionam o ambiente mental e as condições fundamentais para o desenvolvimento da individualidade do sujeito, assim como a família é de extrema importância no desenvolvimento do caráter dos filhos. Os problemas infantis, muitas vezes, se iniciam devido às dinâmicas familiares (JUNG, 1968, apud ADRADOS, 1971, P. 21).

A partir do exposto acima, objetivou-se nesta pesquisa aprofundar o conhecimento a respeito de como um ambiente de conflitos repercute no desenvolvimento emocional da criança, através de uma revisão bibliográfica.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo consiste em um trabalho descritivo de revisão bibliográfica, em que, de acordo com Silva e Menezes (2005) “a revisão de literatura contribui na obtenção de informações sobre a situação atual do tema ou problema pesquisado; no conhecimento das publicações existentes sobre o tema e os aspectos que já foram abordados; e na verificação das opiniões similares e divergentes, além dos aspectos relacionados ao tema ou ao problema de pesquisa”.

Segundo Fonseca (2002, *apud* Gerhardt, 2009), este tipo de pesquisa é feito através do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos. A pesquisa bibliográfica é o início de qualquer trabalho científico, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Porém, existem trabalhos científicos que se baseiam somente na pesquisa bibliográfica, procurando

referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios a respeito do que se procura.

A revisão de literatura se caracteriza por eliminar dúvidas a partir de análises em documentos. Isso envolve o esclarecimento das pressuposições teóricas que fundamentam a pesquisa e das contribuições proporcionadas por estudos já realizados com debate crítico (GIL, 2008).

A relevância da revisão de literatura é identificar e dar crédito à criação intelectual de outros autores, apresentando a ética acadêmica; bem como mediar o diálogo entre os autores citados, além de abrir espaço para demonstrar quais campos de conhecimento já foram estabelecidos, e também receber novas pesquisas (SANTOS, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo realizado por Villas Boas, Dessen e Melchiori (2010), teve como objetivo investigar em que proporção os conflitos conjugais estavam ligados a problemas nas relações parentais e ao ajustamento dos filhos. A realização da pesquisa envolveu 2541 pais de crianças e adolescentes com idades entre dois e dezoito anos.

Os autores utilizaram quatro modelos explicativos, o primeiro se referia à ideia do efeito “spillover”, descrever o que é; o segundo, de que conflitos parentais e práticas educativas pobres representam um mesmo fenômeno, como por exemplo, a incapacidade dos pais de manter um bom relacionamento privado; o terceiro, de que conflitos conjugais e práticas improdutivas são medidas diferentes que explicam por si só as transformações no ajustamento dos filhos; e o último modelo pressupõe que a relação entre o conflito do casal e problemas de comportamento pode ser potencializada por práticas parentais ineficazes, ou, ao contrário, minimizadas por práticas educativas eficientes.

Os resultados da pesquisa mostraram que o modelo mais adequado para explicar o papel mediador das práticas parentais na conexão entre a qualidade da relação marital e o comportamento das crianças, foi o do efeito “spillover”, isto é, diante de conflitos, os pais adotam práticas parentais insatisfatórias, o estudo mostrou ainda que os conflitos estão relacionados ao uso de disciplina severa por parte dos genitores e ao menor envolvimento com as crianças, o que produz efeitos danosos para o desenvolvimento infantil.

Goulart e Wagner (2013) realizaram um estudo qualitativo, buscando identificar a forma como os filhos caracterizam e vivenciam os conflitos conjugais no contexto familiar. A partir de um convite feito nas salas de aula de uma escola pública da cidade de Porto Alegre (RS), 17 estudantes, de ambos os sexos, que coabitavam com seus pais, aceitaram participar da pesquisa. Os participantes foram reunidos em dois grupos de acordo com a faixa etária, um grupo com oito crianças entre 8 e 9 anos (quatro meninas e quatro meninos) e outro com nove adolescentes entre 12 e 13 anos (quatro meninas e cinco meninos).

Cada grupo teve um único encontro, de cerca de uma hora e meia, na escola. O encontro foi gravado, e as atividades seguiram um único roteiro, que já havia sido previamente testado por um estudo piloto. Após ter sido feito um rapport, e atividade para quebrar o gelo foram propostas algumas questões:

Como as crianças se sentem frente ao conflito conjugal?

As crianças relataram que se sentem mal e tristes, enfatizando a sensação de isolamento e de medo. C. (XX, 9 anos) ilustrou: "vou pro meu quarto, leio o meu livro e durmo". Observa-se nos relatos que, embora as crianças adotem comportamentos considerados adaptativos como a distração com atividades prazerosas em um ambiente isolado do conflito, a situação entre os pais produz sentimentos negativos.

Como as crianças lidam com o conflito conjugal?

As crianças explicaram que intervêm no conflito "porque às vezes as brigas são muito feias", revelando que a intervenção visa à cessação da briga e está relacionada à intensidade da expressão do conflito. Embora o envolvimento tenha sido apontado por algumas crianças, alguns participantes fazem pouco uso dessa estratégia enquanto outras disseram não fazê-lo nunca.

Quais as repercussões negativas e positivas do conflito?

Ainda que de forma difusa ao longo da discussão, algumas falas das crianças sugerem que o conflito pode levar um dos pais a abandonar o lar: "um dia meu pai... falou tão mal com a minha mãe que ela quase foi embora de casa" (C., XX, 9 anos). "o pai pode se separar e casar com outra mulher..." (G., XY, 8 anos).

Com que frequência os pais brigam?

Embora a frequência dos conflitos não tenha sido especialmente destacada na discussão, os dados revelam que os conflitos parecem ser bastante recorrentes no ambiente familiar, conforme explica C. (XX, 13 anos): ... "o meu pai manda arrumar o meu quarto e minha mãe falando que eu não preciso arrumar naquela hora, que eu posso

arrumar depois, e eu fico com tédio". A menina clarificou o significado dessa sensação de aborrecimento dizendo que "é comum, todo o dia" acontece a mesma coisa. Essa fala da adolescente expressa à recorrência de conflitos conjugais.

Quais estratégias de resolução são adotadas pelos pais?

Os conflitos parentais parecem, por vezes, ficar sem solução. O impasse entre os pais acerca da criação dos filhos mostrou-se muito presente em diversos momentos da discussão, revelando que os progenitores parecem ter dificuldade na resolução do conflito.

As principais maneiras de lidar com os conflitos incluem, além da rigidez da discordância, hostilidade através de xingamentos e palavrões, podendo chegar à iminência da agressão; "quase se agredindo" (F., XY, 13 anos). Um único exemplo de estratégia positiva foi referido na discussão, quando F. (XY, 13 anos) relatou que o pai "chegou com um monitor e uma CPU nova?" porque sua mãe "não para de reclamar do computador".

Quais as repercussões negativas e positivas do conflito?

Além de afetar o relacionamento do casal, o conflito que resulta em afastamento pode influenciar negativamente o comportamento dos filhos. M. (XX, 12 anos) ilustra relatando: "depois que (a amiga) começou a ouvir brigas dos pais e os pais se separaram ela pegou e começou a mudar totalmente, ela começou a colocar *piercing*, tatuagem, fazer essas coisas". O grupo reforçou esse comentário, acrescentando que os filhos podem usar drogas e mudar de humor e de companhias.

Ao investigar, especificamente, as coisas boas resultantes das brigas entre os pais, uma das participantes tomou como referência a separação: "se um pai e uma mãe se separam e vão... pra outro lugar, tu (filho) vai ver..., culturas novas e vai viajar bastante" (A., XX, 12 anos). Para F. (XY, 13 anos), uma repercussão positiva para os filhos no caso de pais separados seria: "por exemplo, no Natal, o filho ganha duas coisas". O fato de alguns adolescentes terem relacionado à separação a coisas boas, pode ser um indicativo da limitação em perceber às possíveis implicações positivas do conflito, não havendo ainda a maturidade cognitiva e emocional necessária para ponderar acerca dos possíveis ganhos da exposição aos conflitos.

Em outra pesquisa realizada por Cummings et al. (2002, *apud* Melchiori, 2010) foi avaliado o relato de 51 casais com a finalidade de compreender como eles agiam em situações de conflito e quais as reações dos filhos frente a isso, as crianças tinham entre

quatro a onze anos de idade. Para coletar as informações havia diários nos quais os pais e mães registravam em suas casas situações de conflitos e as reações dos filhos.

Pode-se observar com a pesquisa que os filhos se sentiam mais inseguros quando os pais demonstravam medo durante os conflitos, o gênero do cônjuge também modificou a maneira como os filhos interpretavam seus sentimentos. As crianças apresentaram mais insegurança frente às expressões de raiva dos pais e o sentimento de tristeza por parte das mães. Embora tanto os meninos quanto as meninas sintam-se ameaçados pelos confrontos, os meninos tendem a agir com o intuito de controlar a situação.

Um estudo realizado por Braz et al. (2005), buscou explicar porque as crianças manifestam problemas de comportamento como resposta à hostilidade e à discórdia conjugal. Nessa pesquisa propuseram um modelo enfatizando as reações afetivas e emocionais das crianças recorrendo à hipótese da segurança emocional, baseado na teoria do apego (Bolwby, 1969/1990), a preocupação da criança em torno de sua segurança emocional frente a situações conflituosas exerce influência sobre o ajuste de suas emoções e sobre a maneira como enfrenta o episódio, o que interfere no seu bem-estar emocional e nas relações que irão estabelecer no futuro.

Esse estudo envolveu 96 crianças com idades entre cinco e seis anos, verificaram que a tendência da criança a se culpar pelos conflitos conjugais parece mediar a relação entre os conflitos e problemas contidos, na medida em que seu envolvimento com o conflito atua como conciliador parcial da relação entre os conflitos e comportamentos exteriorizados. A pesquisa também evidenciou que a percepção das crianças sobre os conflitos parentais estava significativamente ligada ao relato de mães e pais sobre os seus próprios conflitos.

As famílias se definem pelos membros que as compõem e suas relações. É um sistema aberto que dispõe de estabilidade e forma equilíbrio, o comportamento de um influencia o comportamento dos outros, qualquer mudança que ocorra no comportamento terá uma repercussão direta sobre os mesmos, as crianças que crescem de maneira saudável tendem a serem independentes, já as crianças-problemas são reflexo de um casal debilitado (DELMINE, VERMELEN, 2001).

“A família para o desenvolvimento pleno do indivíduo precisa desenvolver a sua função do ponto de vista biológico, psicológico e social, contribuindo assim tanto para o desenvolvimento saudável quanto patológico de seus componentes” (ERNEGAS, 2012).

Segundo Ernegas (2012), crises de família são fatos que vem acontecendo com mais frequência nos dias atuais, mas mesmo com essas dificuldades as famílias nunca

deixaram de existir. Elas têm um papel importante de aperfeiçoar e experimentar as normas de convivência, que visam melhorar as capacidades humanas, com o intuito de que a sociedade seja mais justa e melhor para todos.

“A família evolui sobre o choque de modernidade-religiosa, política, econômica ou social, e as experiências que a criança vive no seio da família diferem de acordo com a época” (DELMINE, VERMELEN, 2001).

Quando a criança chega ao estágio de desenvolvimento que ela consegue perceber a sua existência e a de mais duas pessoas, ela então encontra uma estrutura familiar. Dentro da família, a criança pode avançar gradativamente, do convívio entre três pessoas, para mais pessoas e também, aumentando a complexidade das relações. Esse pequeno trio apresenta as dificuldades e também as riquezas da experiência humana (WINNICOTT, 1988).

Segundo Vygotsky (1951), *apud*, Oliveira (1992), o ser humano se constitui como tal, devido às suas relações com o outro. A cultura faz parte da natureza humana, foi evoluindo conforme o desenvolvimento das espécies e dos indivíduos, isso faz com que se molde o funcionamento psicológico do sujeito.

O ambiente familiar precisa satisfazer as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina, aprendizagem e comunicação, pois é nele que se estrutura a mais importante forma de aprendizagem: a de estabelecer vínculos, isto é, a capacidade de aprender a se relacionar por trás de muitos distúrbios de aprendizagem ou de inadaptação da criança à escola. Esconde-se algum tipo de tensão emocional cuja origem encontra-se no universo familiar. Não é possível compreender a criança separada do seu lar, ela só pode obter maturidade emocional quando os adultos, com os quais convive, são emocionalmente maduros (ERNEGAS, 2012, p. 35).

Nos momentos afetivos do desenvolvimento o que mais se destaca é a construção do sujeito, que acontece impreterivelmente pela interação com as outras pessoas (WALLON, 1962, *apud*, DANTAS 1992).

Para o mesmo autor:

A afetividade, nessa perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira.

É possível considerar de duas formas diferentes as relações entre afetividade e inteligência. O verdadeiro sentido da inteligência é a formação contínua das estruturas

funcionais e pré-funcionais. Na relação entre inteligência e afeto, pode-se dizer que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas. As descobertas que as crianças fazem, é devido às relações afetivas com objetos ou pessoas envolvidas, podendo dizer que estas, são responsáveis pela formação da estrutura cognitiva (MUNARI, 2014).

É extremamente importante que os adultos percebam a força e responsabilidade que eles têm na vida dos filhos e na sua criação, não somente na educação diária, mas também para suspender esse ciclo vicioso que se formou nas famílias com esses padrões disfuncionais adquiridos (OSÓRIO, 1996 *apud*, PRATTA, 2007).

Segundo Osório (1996, *apud* Pratta, 2007), a existência de conflitos em uma relação marital são comuns e esperados. Porém, alguns casais tem uma personalidade mais firme, fazendo com que essas brigas sejam mais frequentes e intensas, e às vezes, sem solução. Quando isso ocorre, os filhos são expostos e envolvidos diariamente nesses conflitos, desenvolvendo sintomas que geram sentimentos e percepções negativas, comportamentos disfuncionais e muitas vezes, psicopatologias. Os pais são os exemplos para os filhos, pois mostram a eles perspectivas e interpretações do mundo, já que são as pessoas mais próximas e significativas na vida deles.

A exposição da criança a episódios frequentes de disputa entre o casal, ou seja, a ocorrência de episódios constantes de conflito conjugal como forma de relacionamento familiar é um fator determinante de estresse. Conflitos frequentes geram respostas emocionais intensas por parte da criança, que podem manifestar-se por meio de condutas agressivas ou depressivas (DADDS et al. 1992, *apud*, BENETTI, 2005).

As crianças que presenciam conflitos conjugais tendem a apresentar maiores dificuldades em seu desenvolvimento emocional, apresentando sintomas como ansiedade, agressividade, distúrbio de conduta e depressão (KATZ et al., 1993, *apud*, BENETTI, 2005).

Outros estudos demonstram que os conflitos que tem um maior impacto negativo na vida das crianças é quando elas estão presentes, tendo consequências muito mais destrutivas, do que quando as brigas ocorrem na ausência delas. As discórdias que acontecem na presença dos filhos, geralmente, estão relacionadas a eles, sendo um dos principais motivos, os problemas de educação e cuidados diários. Tais situações são consideradas extremamente angustiantes para serem tratadas na frente dos menores. Diante disso, pode-se dizer que a exposição das crianças/adolescentes aos conflitos

conjugais é um fator de risco, pois essas divergências tendem a ser hostis e emocionalmente negativas no ambiente familiar (TOLOI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura abordada nesse trabalho demonstrou a relevância de estudar sobre as dinâmicas familiares para compreender o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes. Os conflitos conjugais afetam a relação entre pais e filhos, contribuindo muitas vezes, para o surgimento de psicopatologias nas crianças e mudanças significativas no comportamento.

Os achados descritos acima, demonstram claramente que, a exposição das crianças a situações de conflitos parentais, geram angústia e tristeza profundas e importantes, possibilitam que, muitas delas, desenvolvam sentimentos de inadequação, distúrbios de conduta, depressão, também comportamentos como o isolamento, com o intuito de não presenciar tais situações, o que também acaba sendo bastante prejudicial para a criança visto que, muitas vezes, a criança não expressa seus sentimentos relacionados à tal situação.

Nota-se a importância de haver um preparo psicológico e emocional dos pais, como um planejamento familiar antes do nascimento dos filhos, bem como o acompanhamento psicológico individual para melhorar o autoconhecimento e auxiliar nas questões que envolvem as relações familiares, percebe-se também que a psicoterapia de casal é um recurso de grande importância para que essas pessoas consigam diminuir as brigas, resgatar seu bom relacionamento afetivo/conjugal.

Mesmo com as transformações que vem ocorrendo nas famílias, é nelas que é depositada a responsabilidade de ser à base de segurança e bem-estar para as crianças, possibilitando assim que estas tenham um lugar sólido e bem estruturado para se amparar, auxiliando por tanto, no bom desenvolvimento emocional e afetivo. Quando isso não ocorre, há um desequilíbrio muito grande, afetando diretamente o emocional das crianças.

De acordo com a problemática em questão, foi possível observar a necessidade de ter mais estudos longitudinais sobre o desenvolvimento emocional infantil interligado às dinâmicas familiares, como forma de prevenir desordens emocionais em crianças, e futuramente em adolescentes e adultos, visto que estes presenciam conflitos parentais desde muito cedo.

Esta pesquisa reiterou que um ambiente carregado de conflitos entre os pais, possivelmente, acarretará problemas emocionais e comportamentais para crianças e adolescentes, pois eles crescem e se desenvolvem em um lugar ambivalente, que não lhes proporciona a segurança emocional necessária ao seu desenvolvimento emocional saudável. Sendo assim, não tentamos esgotar aqui todas as possibilidades de compreensão de como os conflitos parentais interferem no desenvolvimento emocional da criança, pois foi desenvolvida uma breve pesquisa teórica, na qual também buscou-se apresentar as relações parentais, e destacar a importância que a família tem no desenvolvimento emocional infantil.

REFERÊNCIAS

ADRADOS, I. Orientação Infantil. Petrópolis: Vozes, 1971.

ARAÚJO, J.C.C. A dinâmica familiar como fator de dificuldades de aprendizagem: uma afirmação possível? 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-05-29T112323Z-87/Publico/Jacy%20Cristina.pdf>. Acesso em: 22/09/2018.

BENETTI, S.P.C. Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v19n2/a12v19n2.pdf>>. Acesso em: 20/10/2018

BOWLBY, J. Apego: a natureza do vínculo. (2a. ed.) (A. Cabral Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1969/1990.

BRAZ, M. P.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 18, n. 2, p. 151-161, 2005.

CHIAPETTI, R.J.N. Pesquisa de campo Qualitativa: uma vivência em geografia humanista. 2010. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/4834/3583>>. Acesso em: 01/11/2018.

DATTILIO, F.M. Reestruturação de esquemas familiares. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100003>. Acesso em: 25/09/2018.

DELMINE, R.; VERMELEN, S. O desenvolvimento Psicológico da criança (2ª edição). Porto: Edições Asa, 2001.

DESSSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR, A. L. A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESSEN, M. A.; LEWIS, C. Como estudar a “família” e o “pai”? Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia, v. 8, n. 14/15, p. 105-121, 1998.

GERHARDT, Tatiana E; SILVEIRA, Denise T. Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ERNEGAS, A.S.S. Família e aprendizagem: como a dinâmica familiar interfere nos problemas de aprendizagem. Disponível em:<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4678/1/MD_EDUMTE_I_2012_03.pdf>. Acesso em: 10/11/18

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA,D.T. Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de Pesquisa Social. 6ª Edição. Editora Atlas S.A, 2008. São Paulo.

GOULART, V.R.; WAGNER, A. Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300006> Acesso em: 02/11/2018

JÚNIOR, A.F.B; JÚNIOR, N.F. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. 2012. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/download/200/186>>. Acesso em: 17/10/2018.

LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Sannus,1992.

MELCHIORI, L.E.; DESSEN, M.A.;VILLAS BOAS,A.C.V.B. Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200009>. Acesso em: 05/10/2018.

MUNARI, A. Jean Piaget. Tradução e organização: Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2014. (Coleção Educadores).

PRATTA,E.M.M.; SANTOS,M.A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>>. Acesso em: 12/11/2018

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. Procedimentos de metodologia científica. 8. Ed. Lages: Editora Papervest, 2017.

SANTOS, L. F. A. do. Apostila metodologia da pesquisa científica II. Série didática, FAIT, 2006. 11 p. Disponível em:< <http://www.dqi.ufms.br/~lp4/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 20/10/2018

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p. Disponível em: <<http://www.portaldeconhecimentos.org.br/index.php/por/content/view/full/10232>>. Acesso em: 02/11/2018

TOLOI, M.D.C. Filhos do divórcio: como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação. 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp011148.pdf>>. Acesso em: 11/11/2018

WINNICOTT, D. W. (1990). Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

WINNICOTT, D. W. (1982). A criança e seu mundo (6ª edição). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Trabalho original publicado em 1964a)